

Um "Seu Zé" Zé"

Daniel Cavalcante



Um "Seu Zé"

Daniel Cavalcante

ELE MORAVA NA casinha mais antiga da Rua Alegre. Ninguém sabia seu nome. Todos o chamavam *seu Zé*. Setenta e oito anos, aposentado, reumático. *Seu Zé* vivia com sua solidão e suas lembranças de dias difíceis, tumultuados e felizes. Agora, eram dias vazios e melancólicos. E pensar que se queixara tanto de dias difíceis... quem dera voltassem...

Sentado na varanda, na cadeira de balanço que ganhara do neto que não o visitava há dois anos, *seu Zé* lia o jornal recolhido na porta da casa. Antes, seu cachorro abocanhava o jornal tão logo o jornaleiro o atirasse por cima do portão, mas Valente, o fiel companheiro, o deixara há pouco tempo, vítima da raiva. *Seu Zé*, a partir de então, se esforçava para caminhar até a porta, se abaixar, pegar o jornal – que ficava cada vez mais pesado – e voltar para a cadeira. A coluna não o ajudava mais em nada, e os músculos se dizimaram. A vista só funcionava graças aos óculos. Agora podia ler o jornal em poucas horas. Demorava, mas ao menos conseguia o ler inteiro.

O jornal traz-lhe notícias do mundo afora. O Brasil está na copa do mundo. A crise na Argentina se agrava. O dólar caiu. A bolsa subiu. Um senador saiu. O painel falhou. Bin Laden está cercado. Jade se livra de Said e Lucas se reconcilia com a esposa. O Flamengo vence, o Corinthians perde. Antônio vende um palio, preço a negociar.

Um som de impacto, a folha rasga. Moleques de rua descamisados atiraram pedras e saíram correndo, rindo. *Seu Zé* não se importa mais. Ele apenas teme que aprontem algo pior.

Os moleques não gostavam da pele enrugada, da dentadura, dos óculos enormes e dos cabelos grisalhos.

Se recolhe. Sua varanda não é mais lugar seguro para ler seu jornal.

"Velho imprestável", sussurram algumas senhoras que passam pela rua. *Seu Zé* finge não ouvir e bate a porta.

Ainda é manhã e os pombos ainda grunhem no telhado da casinha. Desde que o velhinho se mudara para lá, há um ninho de pombos. No início ele se incomodava com os grunhidos todas as manhãs, mas agora sequer os percebe. Sequer ouve os pombos. Também não vê mais as paredes da casa com

ameaçadoras rachaduras e os encanamentos com vazamento. Ele apenas prepara um café da manhã que não contou com a bebida aromática de mesmo nome que a primeira refeição do dia – contou apenas com suco de laranja e torradas com geléia – liga a TV, afunda no sofá e termina de ler seu jornal.

Ao meio dia prepara o almoço. Verduras e legumes cozidos a vapor, um pouco de arroz. Um copo de água e sai para caminhar ao sol.

Vagarosamente e assustado, ganha as ruas. Os moleques estavam em suas casas, almoçando, mas havia algumas senhoras gordas e moças vaidosas e cheias de vida, observando, julgando. Cabisbaixo, tenta apertar o passo, mas as pernas o traem. O tobo é feio e sonoro, os óculos se quebram. Ele solta um gemido abafado, doído. Machuca os cotovelos e a palma das mãos no chão pavimentado. Quando asfaltaram esta rua? Não se lembrava, mas seus braços doíam e algumas pessoas riam.

Um senhor bem vestido veio em sua direção e o ajudou a se levantar.

- Pronto, vovô – disse ele. Está tudo bem?

- Sim, obrigado... Deus abençoe... eu estava apenas caminhando...

- Seus óculos se quebraram. Eu posso ajudá-lo a caminhar, se assim o desejar.

O homem conduziu o *seu* Zé e no caminho conversaram um bocado. De volta à sua casa, ainda contava sobre seu passado. Servira ao exército, fora soldado em Brasília, protegia Getúlio. Foi gerente de uma grande empresa. Se casou e teve três filhos. Um deles era médico rico e famoso, o outro advogado não menos bem sucedido e o terceiro morava nos EUA. Era o único que lhe mandava carta e algum dinheiro.

O gentil homem perguntou ao *seu* Zé o número do grau de seus óculos e se ofereceu para mandar trocar as lentes. Zé agradeceu e ofereceu-lhe torradas com geléia.

O por do sol já anunciava a noite. O velhinho da casa velha ainda estava pensativo. Ele re-descobrira a bondade do ser humano. Havia muito tempo que não recebia a ajuda, o apoio, o carinho de ninguém. Mas ainda existia humanidade no Homem, ainda que fosse raro. *Seu* Zé não era imprestável, como diziam as senhoras rabugentas da rua. *Seu* Zé estava apenas neutralizado por uma sociedade hipócrita, egoísta e egocêntrica, que jamais olhava para os idosos como ele, pensando apenas no dia-a-dia, no lucro, nas notícias do jornal. Alguns *Seu* Zé apareciam nos noticiários, causavam comoção em toda a sociedade, mas no dia seguinte todos voltavam para suas respectivas rotinas.

O *seu* Zé da casinha velha da rua Alegre foi deitar-se, pensando no homem gentil que lhe traria os óculos no dia seguinte. Pensou em perguntar a ele sobre os programas sociais para a terceira idade que vira na televisão.

Talvez, se praticasse algum esporte, se sentiria mais vivo. Despertara-se nele novamente o sentimento de existir para o mundo.

Na sua cama, no crepúsculo silencioso da rua Alegre, *Seu Zé*, pela primeira vez em muito tempo, ouviu os pombos. Segurava o retrato da esposa falecida, como o fazia todas as noites. O quarto escureceu, mas *seu Zé* não temeu. Uma linda imagem surgiu à sua frente. Um anjo!, balbuciou, encantado. Muitos anjos, com asas enormes e mais brancas que as nuvens de um dia claro e tranqüilo, o cercaram, cantando, tocando harpa, sorrindo, lhe dando as mãos, cumprimentando. *Seu Zé* levantou-se e não sentiu a coluna protestar. Pulou, na cama, alegre como uma criança, sem que seus ossos o incomodassem. Enxergava perfeitamente bem os anjos ao seu redor, mesmo sem os óculos. Os anjos eram tão lindos... eram feitos de amor. Feitos do amor de Deus.

No dia seguinte, o prestativo e elegante homem que o ajudara a se levantar no dia anterior trazia-lhe os óculos novos. Abriu a porta, sabendo que o velhinho o esperaria o dia inteiro. Entrou no quarto escuro e percebeu que o corpo jazia sem vida.

Ele lamentou ter gasto o dinheiro dos óculos à toa.

E as crianças da rua lamentavam não ter mais com quem se divertir maldosamente.

E as senhoras, cada vez mais obesas, e as moças, cada vez mais fúteis, ao notarem o movimento funerário na casa do defunto, suspiraram sem entusiasmo: Ah!

Afinal, todos já esperavam a morte de um homem, um desses tantos *Seu Zé*, que mal podia andar ao sol.

Sobre o Autor

Aficionado pelo extinto terror genuíno, Daniel Cavalcante pretende reerguer as pedras das cavernas mais sombrias do horror já expressado na literatura, não se conformando com a banalização do tema e as novas tendências resultantes de conceitos deturpados nas últimas décadas. Daniel tenta desvincilhar o horror sombrio, tétrico e gutural da simples sede de sangue que resulta em filmes e livros que não procuram o medo e o horror, mas sim apenas uma chacina inconsequente e deliberada. Daniel buscou em autores como Allan Poe e Lovecraft (este último sua maior influência) a fórmula e a técnica para criar não apenas uma história de terror, mas também um cenário macabro, personagens problemáticos, fatos sobrenaturais e todo o desconhecido que sempre amedrontou e ao mesmo tempo fascinou o homem. Nascido em São Caetano do Sul, SP, mudou-se logo para Goiás, onde passou toda sua infância e adolescência, fase marcada por sua depressão que o acompanhou desde criança. Era recluso e portador do mal conhecido por fobia social, o que o afastava do contato com pessoas, inclusive de sua família. Mas foi nessa solidão que descobriu seus dons artísticos como as letras e o desenho. Filho de escritor, se interessou desde os 10 anos pela literatura, mas esse interesse foi esquecido devido à depressão. Voltou a escrever apenas aos 20 anos, dois anos depois do divórcio de seus pais e de sua volta à SP, sendo reacendida a chama da paixão pelas letras ao ler Noites Brancas, de Dostoiévsky.

Em seus contos a solidão, a depressão, o desespero, a tragédia e a morte estão sempre presentes. Ao passo que seus personagens enfrentam entidades misteriosas e acontecimentos sobrenaturais, passam também pelo verdadeiro e real horror do homem moderno: a solidão e o desespero. Sofrem calados, morrem solitários.

Atualmente vive em São Paulo, capital, onde trabalha em seu primeiro romance.

Contato:

E-mail: codinome_v@yahoo.com.br

ICQ: 23716449

Site: www.contosdoubtral.cjb.net